



rede NEE

REDE DE NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Criatividade & Inclusão...

Estratégias criativas e flexíveis para lidar com a diversidade de estudantes na sala de aula



O que é “SER INCLUSIVO”?

Ser inclusivo é ser criativo e crítico. Ser inclusivo é participar no empoderamento de todas as pessoas, sem exceção, e fornece as ferramentas necessárias para tomarem decisões e moldarem o seu destino de forma autónoma (UNESCO, 2005).

Todos aspiramos a uma educação emancipatória = ir além de meramente desenvolver as competências e conhecimentos necessários para socializar as pessoas na sociedade atual (Galloway, 2012).

Ao ensinarmos, em qualquer grau de ensino, incluindo no ensino superior, partimos sempre de crenças:

- A inclusão é a principal aspiração da democracia e simultaneamente ... o seu maior problema (Biesta, 2009);
- Devemos considerar os outros a partir de uma igualdade desigual (Código Deontológico da OPP, 2011);
- Qualquer professor acredita que é possível procurar incluir os seus estudantes.

Estratégias promotoras da inclusão

Teoria e investigação como a base da ação mostram que é possível promover a inclusão utilizando estratégias criativas como forma de promover o desenvolvimento dos estudantes do ensino superior.

Estas estratégias passam pela diferenciação, improvisação, imaginação e flexibilidade.



rede NEE

REDE DE NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Criatividade & Inclusão...

Estratégias criativas e flexíveis para lidar com a diversidade de estudantes na sala de aula

Diferenciação

Diferenciação pedagógica é um ambiente de aprendizagem aberto, com aprendizagens explicitadas e identificadas para que os alunos aprendam pelos seus próprios meios a saber e saber fazer (Przesmychi, 2004).

Consiste num conjunto de medidas didáticas que visam adaptar o processo de ensino aprendizagem às diferenças inter e intra-individuais, a fim de permitir que cada aluno atinja o seu máximo na realização dos objetivos pedagógicos (De Corte, 1990).

Níveis de diferenciação:

- **Conteúdos** – O que o aluno deve aprender? Os conteúdos podem ser transversais e em torno de temas molares, num âmbito multidisciplinar;
- **Processos** – Como é que o aluno chega a esse conhecimento? Os processos podem ser diferenciados através da utilização flexível de grupos; da recetividade a diferentes leituras; da flexibilidade na utilização de recursos como o tempo ou os materiais, e da diversificação da organização das sessões e do espaço;
- **Produtos** – Por que meios o aluno expressa o conhecimento? os produtos podem ser expressos sob diversas formas, como o oral, a expressão plástica, a dramatização, entre outros; com diferentes níveis de complexidade ou profundidade.

em resposta às diferenças individuais quanto a:

- Prontidão – Instrução diferenciada em função da prontidão do estudante;
- Interesses – Abertura à incorporação de interesses
- Perfil de aprendizagem – Flexibilidade quanto a preferências e estilos de aprendizagem (Tomlinson, 2005).

Cuidados a ter quando se diferencia:

Ingredientes de uma diferenciação bem-sucedida (Tomlinson, 2005):

- Diferenciação reativa e proactiva
- Utilização de grupos
- Adaptação de atividades e materiais
- Utilização flexível do ritmo e complexidade
- Diferenciação centrada no aluno

E se antes de praticarmos, fossemos mais críticos? Questões a colocar (Bahia, 2000):

- Será que a tarefa exige a manipulação de conceitos abstratos?
- Que operações lógicas estão envolvidas na resolução da tarefa?
- Quais os recursos cognitivos necessários à manipulação da tarefa?
- Os estudantes possuem experiências anteriores suficientes para ancorarem a informação envolvida na resolução do problema?
- A tarefa apela para uma representação icónica? Ou é exclusivamente simbólica?
- Que estratégias de resolução de problemas estão envolvidas?



rede NEE

REDE DE NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Criatividade & Inclusão...

Estratégias criativas e flexíveis para lidar com a diversidade de estudantes na sala de aula

O que é “SER CRIATIVO”?

Promover a criatividade implica acreditar que todos somos potencialmente criativos (Vygotsky, 1978). Criatividade é vista como:

- comportamento que é simultaneamente “inovador” e “adequado” (Miller, 2012);
- capacidade para produzir, fazer ou tornar algo em qualquer coisa nova e válida tanto para si como para os outros (Pope, 2005):
- competência de futuro fundamental (Noddings, 2013).

Refletir sobre a criatividade é determinante porque criatividade é:

- motor da interação que a pessoa estabelece com o mundo à sua volta (Piaget, 1972);
- forma de adaptação humana (Vygotsky, 1978);
- parte integrante da cognição humana (Ward, 1994);
- um imperativo de transformação (Feldman, 1980);
- forma de motivar a capacidade para encontrar novos problemas e resolver impasses (e.g. Getzels & Csikszentmihalyi, 1976).

Recursos pessoais mobilizados quando se é criativo (Lubart, Zenasni e Barbot, 2013):

- Recursos cognitivos: pensamento divergente; pensamento analítico; pensamento associativo; combinação seletiva; flexibilidade mental;
- Recursos conativos: tolerância à ambiguidade; assunção de riscos; abertura à experiência; pensamento intuitivo; motivação para criar.

Vantagens do desenvolvimento da criatividade

A ausência de oportunidades de expressão criativa priva o aluno do processo e do resultado da descoberta e anula o desejo de aprendizagem e de experimentação (Katz, 1993).

O enriquecimento criativo influencia (Catterall, 2002):

- o desenvolvimento de competências (académicas e transversais);
- a motivação para a realização e o envolvimento na tarefa, a perseverança e a assunção de riscos;
- a autonomia e a autoconfiança.

No entanto, na educação formal (James, Lederman Gerard e Vagt-Traore, 2004) há pouco tempo para:

- Dar tempo para as ideias “marinarem”;
- Reconhecer em público ideias e produtos criativos;
- Encorajar e reforçar abordagens únicas e diferentes;
- Encorajar a aprendizagem a partir dos erros;
- Explorar o meio para estimular a curiosidade sobre o mundo;
- Deixar de avaliar ou julgar logo. Há tempo para fazer essas considerações.



rede NEE

REDE DE NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Criatividade & Inclusão...

Estratégias criativas e flexíveis para lidar com a diversidade de estudantes na sala de aula

Dimensões da criatividade:

Quando se fala em criatividade consideram-se 4 grandes dimensões (Torrance, 1966; Bahia e Trindade, 2012):

- **fluência e adequação** – as ideias surgem da definição clara de um objetivo, da análise crítica dos pressupostos, valores e crenças que se pretendem alterar, da antecipação da adequação e da partilha;
- **flexibilidade e perspetivação múltipla** – que resultam da perspetivação múltipla, da utilização de diferentes linguagens, do questionamento, do debate, do confronto, de pensar em alternativas;
- **originalidade e inovação** – a criatividade é uma forma de transformação do velho em novo e por isso é estatisticamente infrequente e considerada inovadora. O processo e o produto criativos têm de considerar: várias ideias adequadas e vários recursos e categorias do conhecimento; novidade e clareza de expressão;
- **elaboração e expressividade** – a comunicação da criatividade tem de ter impacto nos outros, tem de ter poder transformador e tem de estar em sintonia com o ambiente (Bahia, 2015), porque as emoções comunicam, informam e orientam (Van Dijk et al., 2012).

Estratégias de diferenciação através da improvisação e de imaginação

Diferenciar implica as quatro dimensões da criatividade: ter muitas ideias, adaptadas e adequadas, múltiplos recursos e perspetivas; originalidade e inovação; capacidade de comunicação, persuasão e expressão e ser crítico, criativo e improvisar.

Improvisação

Para Fischlin et al. (2013) improvisar pode ser....

- capacidade de transformação para lidar com questões difíceis;
- movimento de formação de alternativas;
- capacidade de associar conhecimento;
- modo crítico de resistência e de diálogo.

Imaginação

A imaginação possibilita a construção de significados a partir das experiências pessoais, reconstrução do passado, projeção do futuro, antecipação das perspetivas dos outros e cenários alternativos, compreensão de histórias e reflexão sobre os estados mentais e emocionais dos outros desenvolve a compaixão e a capacidade de nos compreendermos e construir um sentido de self (Kaufman e Gregorie, 2015).



rede NEE

REDE DE NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Criatividade & Inclusão...

Estratégias criativas e flexíveis para lidar com a diversidade de estudantes na sala de aula

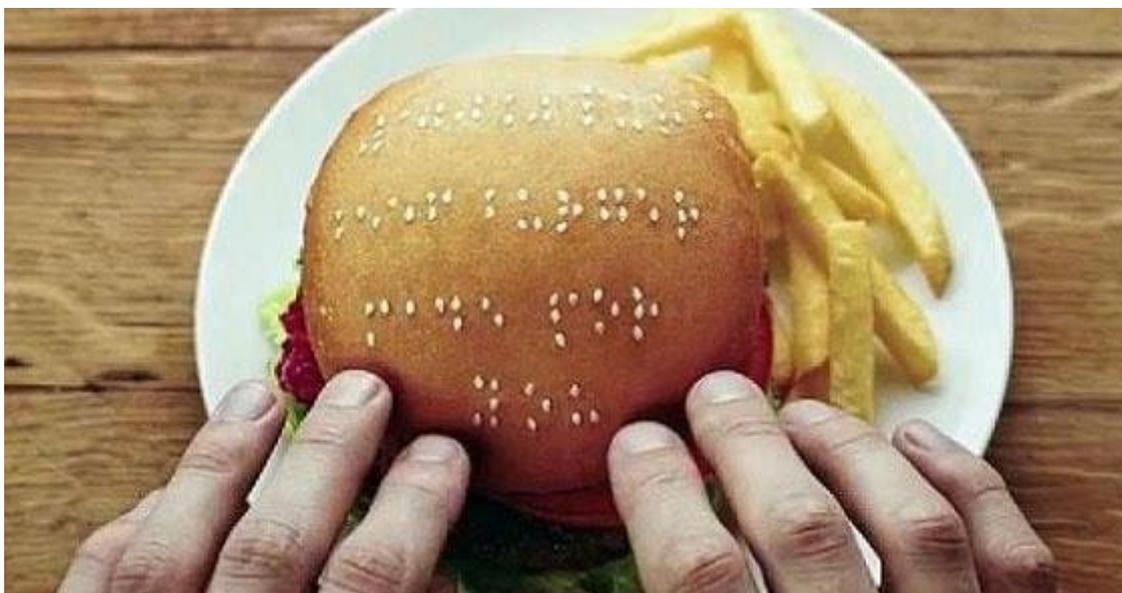
Na universidade é possível desenvolver um clima de criatividade. Os fatores que definem um clima criativo (Alencar e Fleith, 2004) são:

- suporte à expressão de ideias;
- perceção da criatividade;
- interesse pela aprendizagem;
- autonomia;
- estímulo à produção de ideias.

O que é “SER CRÍTICO”?

Pensamento crítico pode ser definido como o conjunto de ferramentas e estratégias conceptuais que possibilitam a tomada de decisões sobre o que fazer ou acreditar (Rudinow e Barry, 2004) que obriga a desafiar o status quo e os mitos com base numa abordagem emancipatória e a procura de uma justiça social (Teo, 2011) e a identificar, questionar e pensar mais além (Keddie, 2016).

Pensar o ensino universitário numa perspetiva da criatividade e inclusão implica compreender as questões críticas deste nível de ensino, as premissas que se deve assumir bem como repensar estratégias que sirvam o propósito da inclusão, da diferenciação e flexibilização. Implica também considerar o enquadramento teórico-empírico em que nos encontramos e compreender como o contexto histórico e social determina o que fazemos.





rede NEE

REDE DE NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Criatividade & Inclusão...

Estratégias criativas e flexíveis para lidar com a diversidade de estudantes na sala de aula

Referências e outras informações

Vídeos interessantes

<https://news.vanderbilt.edu/2010/11/05/video-motivation-creativity-and-not-writing/>

https://www.ted.com/talks/ken_robinson_how_to_escape_education_s_death_valley

Bibliografia

- Alencar, E. M. L. S e Fleith, D. S. (2004). Inventário de práticas docentes que favorecem a criatividade no ensino superior. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 105-110.
- Bahia, S. (2000). Como dar tarefas diferenciadas, em simultâneo, a trinta alunos de uma turma? In A. Estrela & J. Ferreira (Eds). *Diversidade e diferenciação* (pp. 421- 426). Lisboa: Actas do IX Colóquio AIPELF 99.
- Bahia, S. & Trindade, J.P. (2012). Entwining Psychology and Visual Arts: A Classroom Experience. *Psychology Research*, 2(2), 89-98.
- Biesta, G. J. J. (2009). Sporadic democracy: Education, democracy and the question of Inclusion. In M. Katz, S. Verducci e G. Biesta (Eds.), *Education, democracy and the moral life* (pp. 101–112). Dordrecht: Springer.
- Catterall, J. S. (2002). Research on Drama and Theater in Education. In R. J. Deasy (ed.). *Critical Links: Learning in the Arts and Student Academic and Social Development* (58-62). Washington: Arts Education Partnership.
- De Corte, E. (1990). *Les fondements de l'action didactique*. (2.^a ed.). Brussels: De Boeck.
- Feldman, D. (1980). *Beyond the universals of cognitive development*. Norwood: Ablex Publishing Corp.
- Fischlin, D., Heble, A. e Lipsitz, G. (2013). *The Fierce Urgency of Now: Improvisation, Rights, and the Ethics of Cocreation*. Durham, NC: Duke University Press.
- Galloway, S. (2012). Reconsidering emancipatory education: Staging a conversation between Paulo Freire and Jacques Rancière. *Educational Theory*, 62(2), 163-184.
- Getzels, J. W. & Csikszentmihalyi, M. (1975). From problem solving to problem finding. In I. A. Taylor e J. W. Getzels (eds.), *Perspectives in creativity*. Chicago: Aldine Publishing, pp. 90-116.
- Hanson, C. (2014). Changing How We Think About the Goals of Higher Education. *New Directions for Higher Education*, 2014(166), 7-13.
- James, V., Lederman Gerard, R. e Vagt-Traore, B. (2004). Enhancing creativity in the classroom. In M. Orey (Ed.), *Emerging perspectives on learning, teaching, and technology*. Retirado em 24 fevereiro 2005 de <http://projects.coe.uga.edu/epltt/>



rede NEE

REDE DE NECESSIDADES
EDUCATIVAS ESPECIAIS
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Criatividade & Inclusão...

Estratégias criativas e flexíveis para lidar com a diversidade de estudantes na sala de aula

- Katz, L. G. (1993). What can we learn from Reggio Emilia? In C. Edwards, L. Gandini e G. Forman (Eds.), *The hundred languages of children: The Reggio Emilia approach to early childhood education* (pp. 19-37). Norwood: Ablex.
- Kaufman, S. B. e C. Gregoire (2015). *Wired To Create: Unraveling the Mysteries of the Creative Mind*. New York: Teacher Perigree.
- Keddie, A. (2016). Children of the market: performativity, neoliberal responsabilisation and the construction of student identities. *Oxford Review of Education*, 42(1), 108-122.
- Lubart, T. I., Zenasni, F. e Barbot, B. (2013). Creative potential and its measurement. *International Journal of Talent Development and Creativity*, 1(2), 41-51.
- McMillan, D. W. e Chavis, D. M. (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 4: 6-23
- Miller, A. L. (2012). Conceptualizations of creativity: Comparing theories and models of giftedness. *Roeper Review*, 34(2), 94-103.
- Piaget, J. (1972). *Où va l'éducation ? comprendre, c'est inventer*. Paris: Denoël/Gonthier.
- Pope, R. (2005). *Creativity: Theory, history, practice*. London: Routledge.
- Przesmychi, H. (2004). *La Pédagogie différenciée, Profession Enseignant*. Paris, Hachette.
- Teo, T. (2011). Reconstructing the critique of ideology: A critical-hermeneutic and psychological outline. *Annual Review of Critical Psychology*, 9, 20-27.
- Tomlinson, C. A. (2005). Grading and Differentiation: Paradox or Good Practice? *Theory into Practice*, 44(3), 262-269.
- Torrance, E. P. (1966). *The Torrance tests of creative thinking: Technical- norms manual (research ed.)*. Princeton, NJ: Personnell Press.
- UNESCO (2005). *Guidelines for Inclusion: Ensuring Access to Education for All*. UNESCO, Paris.
- Van Dijk, W. W., Van Dillen, L. F., Seip, E. C. e Rotteveel, M. (2012). Emotional time travel: Emotion regulation and the overestimation of future anger and sadness. *European Journal of Social Psychology*, 42, 308-313.
- Vygotsky L. S. (1978) *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Ward, T. B. (1994). Structured imagination: The role of conceptual structure in exemplar generation. *Cognitive Psychology* 27, 1-40.

Ficha Técnica

Autor: Sara Bahia

Organizador: Cristina Espadinha

Data: novembro 2016